

# A ILLUSTRACÃO

## LUSO-BRAZILEIRA.



### REDACÇÃO

ALEXANDRE HERCULANO. — J. A. D'OLIVEIRA MARRECA. — A. DE SERPA. — A. P. LOPES DE MENDONÇA. — ERNESTO BIESTER. — FRANCISCO GOMES D'AMORIM. — FRANCISCO PEREIRA D'ALMEIDA. — F. M. BORDALLO. — FRANCISCO ROMANO GOMES MEIRA. — J. M. LATINO COELHO. — J. M. D'ANDRADE FERREIRA. — J. S. MENDES LEAL. — J. DE TORRES. — LUIZ FILIPPE LEITE. — L. A. PALMEIRIM. — R. BULHÃO PATO. — RODRIGO PAGANINO. — CARLOS JOSE CALDEIRA.

### Director

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA.

LISBOA: — Anno 35600 rs. — Semestre 15920 rs. — Trimestre 15000 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM. 15. — SABBADO, 12 DE ABRIL DE 1856.

PROVINCIAS — FRANCO — Anno 45000 — Semestre 25100 rs. Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 55000.

### SUMMARY.

Ir a Roma e não ver o Papa, romance (continuação) — Uma excursão ao Vezuvio. — O reino das Flores. — Um caso notavel de teratologia. — Uma viagem pela litteratura contemporanea — Etymologia da palavra mala-posta. — A convalescencia no outono. — Lisboa e os espectaculos publicos. — O rei da Sardenha. — Chronica Semanal. — O templo dos fogos eternos em Bakou. — Revista politica. — Bibliographia.

GRAVURAS — Judias karaitas — Victor Manoel, rei da Sardenha. — Templos dos fogos eternos em Bakou. — Palacio real de Turim.

### IR A ROMA E NÃO VER O PAPA.

#### AVENTURAS DE UM CAÇADOR.

#### CAPITULO IX.

De como o sr. Luiz Louet se achou viajando em companhia de um compatriota.

(Continuado do N.º 10).

— Fui direito á hospedaria do *Hussard francez*, — continuou o minucioso historiographo, — e não me custou a encontrá-la, por que a hospedaria fica logo nas immediações do cães. Impellia-me o destino de hospedaria em hospedaria. Que lhe havia de fazer? Pedi o jantar por que estava caído. Os senhores não-de ter já reparado que des que emprehendi a maldicta caçada raramente tornei a comer senão com intervallo de 24 horas, o menos.

Depois de jantar mandei vir um dos taes vetturinos. No theatro de Marselha ninguem de certo sabia onde eu parava, e por força que haviam de estar com cuidado em mim. Já veem que tinha razão em ter pressa de voltar. Feitas bem as contas, havia sete dias que me tinha abalado. N'aquelles sete dias, tantos como Deus levou a fazer o mundo, queiram reparar...

— Já tínhamos reparado.

— Agradecido. N'aquelles sete dias, dizia eu, não havia perdido o meu tempo, é verdade; mas não tinha feito o que tencionava fazer.

Fallei successivamente com tres conductores de vetturinos, sem conseguir entender-me com elles, por que nenhum fallava a minha lingua materna; e eu, então, como já tive a honra de lhes dizer, ignorava totalmente o italiano.

Veio afinal outro que tinha a presumpção de saber todas as linguas, e que na realidade não fallava nenhuma. Entretanto, com o auxilio d'aquella algaravia mesclada de inglez, de italiano e de francez, conseguimos communicar mutuamente as nossas idéas.

A idéa do homem era que lhe devia dar trinta francos á minha parte para me transportar a Florença.

— «Em Florença,» — disse-me elle, — «acha um cento de occasiões para voltar a Marselha.»

— «Está dieto,» — respondi, — «irei pelos trinta francos até Florença.»

Sempre tinha tido um grande desejo de ver Florença; e por isso não regateei.

— «Devo porém advertir o senhor d'uma cousa,» — tornou o homem que se tinha tambem em conta de bem fallante e civil.

— «Que cousa?»

— «Dois dos outros viajantes que se ajustaram comigo, um dos quaes é compatriota do senhor....»

— «Um francez!»

— «Se fosse um russo não podia ser compatriota senão d'outro russo.... francez, sim senhor... dois dos viajantes, dizia eu, querem que eu tome pela estrada de Grossetto a Sienna, por que desejam atravessar a serra.»

— «Não tenho nenhuma razão de queixa contra a serra. Se fosse atravessar o mar era outra cousa.»

— «Qual mar! Vae de costas para elle todo o tempo da jornada.»

— «Ainda bem. Estamos justos.»

Tínhamos de partir n'esse mesmo dia para irmos dormir a Scarlino. Eram duas horas, parou o vetturino á porta da locanda. Os outros quatro viajantes iam já nos seus logares. Eramos seis ao todo, e o cocheiro vinha-nos buscar, a mim e ao meu compatriota, que pousava na mesma casa. Eu estava já á porta, por que, não-de lembrar-se, a bagagem não me levava muito tempo a preparar: era ainda exactamente a mesma, a espingarda e a bolsa.

Como tardasse o meu companheiro, chamaram pelo senhor Ernesto Boisleury. Gostei de ouvir o nome de um patricio ali!

O tal senhor Ernesto desceu. Era um guapo official de hussards, de trinta a trinta e cinco annos, com o ar exactamente da figura pintada na taboleta da hospedaria, salvo o posto. Metteu um par de pistolas no bolso interior do vetturino, e sentou-se-me ao lado.

Pouco tempo me bastou para ver que o sr. Ernesto se lastimava d'algum grande pezar. Não o conhecia sufficientemente para lhe perguntar o que tinha; quiz porem distrahir-lo conversando.

— «É francez o sr?» — perguntei attentiosamente.

— «Sou,» — respondeu-me elle.

— «É militar talvez?» — Encolheu os hombros em ar de mofa.

Todavia a pergunta não era indiscreta, visto que trazia uniforme.

Conheci por aquelles in-



Judias karaitas na Crimea.





¿Tenderiam estes gigantescos acontecimentos a estreitar os vinculos que devem unir as nações, pondo em contacto e misturando tão desvairados e distantes povos, contribuindo por isso ao progresso da civilização humanitaria? Não lhe terão sido de benéfica influencia o espirito conquistador dos dominadores do Lacio, as invasões dos barbaros no imperio romano, dos arabes na Africa septentrional e meio dia da Europa, dos tartaros no centro e occidente da Asia, das cruzadas, e por ultimo das conquistas e expedições de Bonaparte? Não serão estes fortes abalos, que de seculos em seculos se repetem, outros tantos meios providenciaes para melhoramento progressivo da humanidade no seu modo de existir? Não serão, por ventura, outros tantos vinculos com que a providencia a vae aproximando dessa unidade universal, cujas tendencias tão abertamente se manifestam na sociedade moderna?

Não são para aqui os desenvolvimentos que naturalmente pedem estas considerações. Entremos já na materia sujeita.

Continua.

C. J. CALDEIRA.

#### UM CAZO NOTAVEL DE TERATOLOGIA.

Acaba de partir para Paris, onde vai ser exposto á curiosidade publica, um individuo de treze annos, que nasceu sem braços e sem pernas.

No espaço de tempo, em que esteve patente em Lisboa tivemos occasião de o visitar por mais de uma vez, e de verificar até que ponto, as aberrações da natureza podem dar logar a phenomenos dignos da maior attenção.

Feliciano Marques, assim se chamava, nasceu a 29 de março de 1843 na freguezia de Albardo, concelho de Albardo, districto da Guarda. Sua mãe, que foi cazada duas vezes, teve do primeiro marido uma filha, que conta hoje 25 annos e que não tem defeito algum: e do segundo, um filho igualmente perfeito, que lhe morreu aos seis annos, e Feliciano, que veio á luz tão defeituoso e incompleto, que não ha noticia nos annaes das sciencias de ter existido nenhum competidor, que lhe possa disputar a sua triste celebridade.

Effectivamente nem o venesiano Marc Catozze; nem o monstro, cujo esqueleto se conserva no gabinete da Faculdade de Montpellier: nem o mathematico Charles Grandemange, que ainda em 1852 se admirava em Paris, apresentaram pelo lado teratologico a mesma importancia e valor, que offerece o nosso compatriota. Catozze tinha uns rudimentos de pernas, que lhe permittiam andar um quarto de legua e uns braços rudimentares tambem, mas que, ajudados por um instrumento, que elle mesmo inventára, lhe deixavam apprehender algumas couzas. O monstro cujos restos possui a faculdade de Montpellier tinha um osso collocado entre a bacia e o pé, que representava as duas pernas soldadas, e que faziam d'elle um excellente saltador, profissão, em que ganhava a vida. Charles Grandemange, finalmente, tinha o quer que era de braços, que lhe serviam para, entallando a penna entre um d'elles e a cara, resolver os problemas de mathematica mais complexos e exóticos opperações, em que foi muito insigne.

Em quanto grávida, a mãe de Feliciano só desconfiou



Victor Manuel, rei da Sardenha.

do seu estado por sentir em si alguns ligeiros movimentos que pareciam ser de um feto; pois nem o volume do ventre, nem o apparecimento de incomodos analogos aos que costumam sobrevir em semelhantes circumstancias lh'o faziam suspeitar. O tempo habitual decorreu sem que sus-to algum, queda ou doença lhe accidentassem aquelle periodo da sua vida, e chegada a occasião opportuna teve o parto regularmente e sem que soffresse as grandes dores, que de ordinario o acompanham.

Tendo nascido com dois dentes, Feliciano por tal modo feria com elles os peitos de sua mãe, que esta viu-se obrigada a desmamá-lo aos tres mezes, para evitar a repetição d'este incommodo, nutrido-o desde então com alimentos apropriados ao seu estomago e idade. Hoje nenhuma escolha é necessaria neste ponto, porque Feliciano come de tudo indistinctamente e apenas mostra alguma repugnancia pelo leite e pela manteiga.

Na sua terra adquiriu uma triste celebridade, e como sua mãe notasse, que era muito examinado e muito mais admirado, resolveu-se e especular com elle explorando os recursos que aquelle infeliz lhe poderia procurar, mostrando-o por dinheiro: não faltaram especuladores, que lhe propozessem contractos vantajosos, segundo lhe pareceu, e a troco de uma pequena terra, que alguns homens lhe venderam, hypothecou o triste filho áquelles negociantes, que, desde logo, se lembraram de tirar o maior partido da disformidade de Feliciano, transportando-o aos lugares mais concorridos para ser exposto em beneficio, dos seus donos em quanto não expirasse o prazo da hypotheca.

Visitámol-os mais demoradamente na Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, quando ali foi para ser estudado sob o ponto de vista scientifico, e confessámos, que no, produziu um effeito bem desagradavel ou vir partir de dentro de um individuo tão imperfeito, de uma creatura apenas esboçada uma voz forte, clara e vibrante, que traduzia raciocinios fillos de uma intelligencia sufficientemente desenvolvida.

Respondia rapidamente e com muita exactidão ás perguntas que se lhe faziam; a animação toda parecia ter-se-lhe concentrado no rosto cheio de mobilidade e nos olhos de uma viveza extraordinaria; estes acompanhavam-lhe a conversação, modificavam a sua linguagem d'accôrdo com as palavras, que proferia, percorriam o rosto de todos, armando-se de uma certa desconfiança bem natural n'aquelles cazos, e pareciam indicar terem monopolizado todo o sentimento e acção, de que carecia o seu tronco disforme.

As dimensões, que lhe observámos foram as seguintes:

Altura do tronco e cabeça. . .	0,44
Circumferencia . . . . .	0,54
Diametro transversal do tronco. . . . .	0,18
Diametro anterior posterior do tronco. . . . .	0,15

A cabeça representava um terço pouco mais ou menos da altura total, e o peso de todo elle era de kilogrammas 365.

Não tem signal de membros, porque mal se pôde dar este nome a um pequeno tuberculo, que se encontra a um dos lados da bacia; a temperatura ordinaria do corpo é de 17 graus centigrados, sente muito calor, prefere estar nu, e apesar de se encontrar habitualmente n'este estado, só duas vezes se recorda de ter experimentado frio. Está quasi sempre a suar; a respiração e circulação são muito apressadas, e acceleram-se ainda mais, com qualquer movimento, que faz, ou com qualquer conversa mais prolongada, que sustenta.

O pescoço é curto, e ligeiramente inclinado para o lado esquerdo, o tronco apresenta pela parte posterior uma gibosidade consideravel voltada para o lado direito.

Feliciano conserva-se sentado n'uma cadeira, que de proposito lhe mandaram fazer: é ahí, que ordinariamente está exposto a curiosidade publica; porém a sua posição, de preferencia, é o decubito sobre uma esteira, onde pode fazer alguns movimentos de translação bem semelhantes aos da serpente, ou aos de outros reptis igualmente privados de membros de locomoção.

Ainda que a sua educação tenha sido pouco esmerada, não é incapaz, todavia de estudar e aprender, tem uma memoria felicissima, e decora rapidamente o que lhe ensinam. Sabe decôr a confissão em latim e algumas sentenças moraes; profere correctamente algumas palavras em francez e canta algumas modinhas hespanholas que lhe repetiram; e ultimamente andava repetindo um pequeno discurso em francez, que deverá recitar ao Imperador Napoleão, no caso de lhe ser mostrado, como esperava.

Conhece a sua posição, mas aparentemente não se queixa do seu estado; mostra-se agradecido aos que o tractam, contente com o que lhe fazem, mas por um ou outro olhar, por certa hesitação, que se lhe nota, quan-

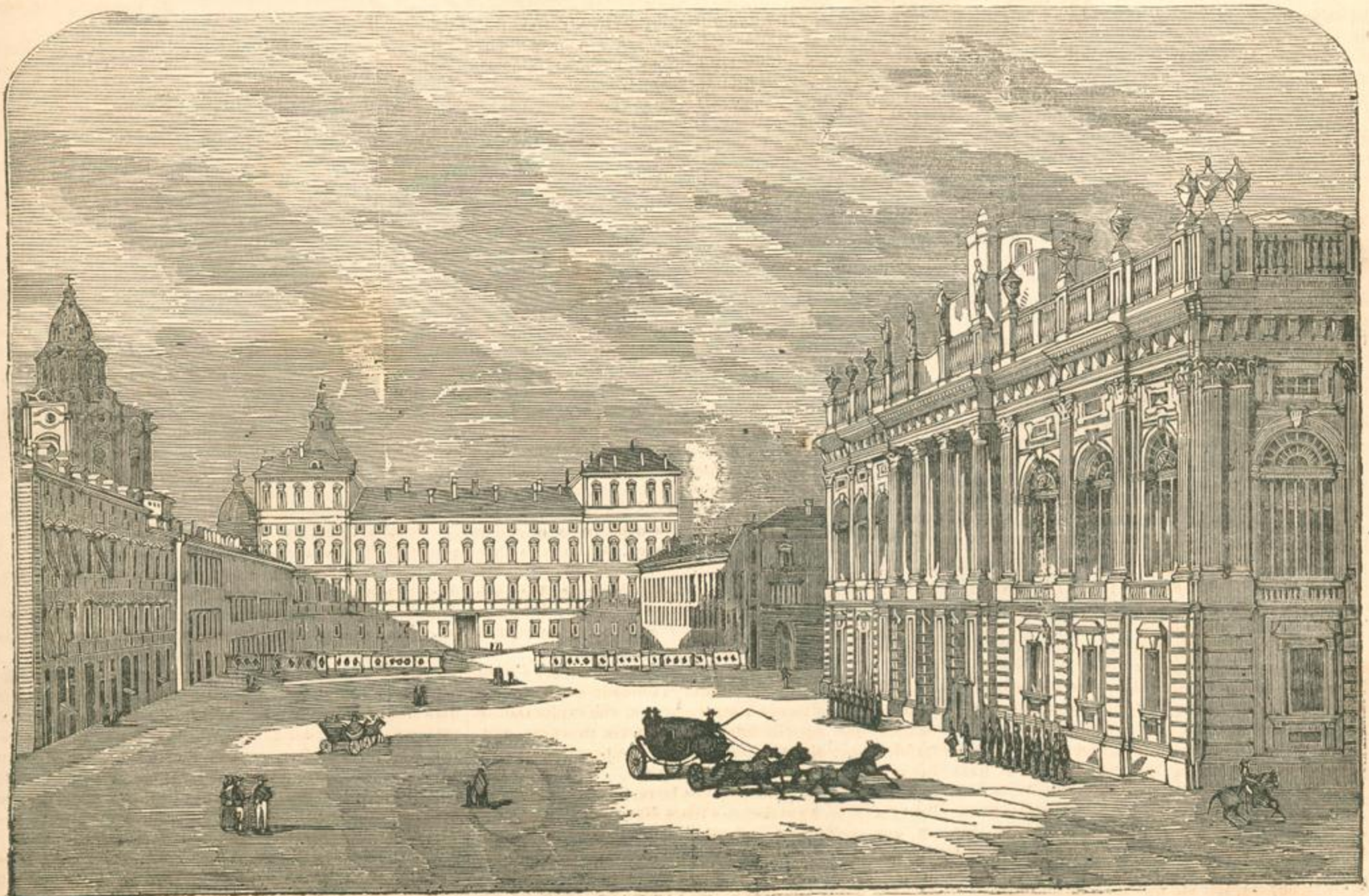


O Templo dos fôgos eternos em Bakou.

do-lhe perguntam se gosta de sua mãe; percebe-se, que se ressentem alguma cousa do systema de especulação, a que ella o applicou; mas apesar disso ninguem ouviu

ainda da sua bocca uma phrase de recriminação a tal respeito. Dotado, como foi, pela natureza de uma intelligencia

feliz, Felicianno d'Assumpção pode ainda adquirir bastantes conhecimentos, oxalá que lle aproveitem as boas disposições, e que na cultura do espirito possa encon-



Palacio real de Turim.

trar a compensação, ou pelo menos o allivio dos soffrimentos, e dissabores, que inevitavelmente lhe hão de resultar das suas imperfeições physicas.

Se a *Illustração* apresentar um dia o retrato de Feliciano acompanharemos a gravura de algumas explicações mais, que de pouco aproveitariam agora, não se tendo á vista o desenho d'este phenomeno.

R. PAGANINO.

### UMA VIAGEM PELA LITTERATURA CONTEMPORANEA.

(OFFERECIDA AO SR. A. HERCULANO)

J. S. MENDES LEAL.

Ha talentos privilegiados, que se não limitam a um genero determinado, e que, pela flexibilidade, que lhes é propria, abrangem os differentes ramos da litteratura. O talento de Mendes Leal, pertence a esta classe. Hoje auctor dramático, amanhã poeta lyrico; agora romancista, logo historiador, umas vezes critico, outras jornalista, o seu espirito, toma as differentes formas que a sua imaginação lhe phantasia, sem esforço nem difficuldade. Fertil d'engenho e d'uma facilidade extraordinaria no improvisado, ha sempre nos seus romances, muita vida, acção e movimento. Dramatico e vehemente nas situações, imaginoso e pittoresco na descripção, profundo no desinvoltamento das paixões, a sua penna tem o supremo condão de fallar igualmente ao coração e ao espirito.

No *Panorama*, appareceram os seus primeiros ensaios no romance, revelando logo disposições sensiveis. A escola *ultra-romantica*, estava então em voga para o romance, como o estava para o drama. A idéa dominante era a mesma. Os *Irmãos Carvajales*, publicados no citado jornal, participam d'essa escola. As paixões são por vezes exaggeradas, os caracteres melodramaticos, a acção sinistra e negra. O calafrio era uma das sensações mais apreciadas naquelle tempo. Os *Irmãos Carvajales* provocam-o a cada instante. No estylo ha já annuncio do escriptor elegante e correcto d'hoje. As imagens são elevadas e deslumbrantes, o dialogo facil e bem travado.

Mendes Leal estava no periodo impetuoso de uma inexperiente imaginação. O seu estro despedia os vãos com cego arrojo, rompendo sem esforço até ás ultimas raias do ideal, que percorria ousado nas suas expansões poeticas.

A epocha escolhida foi 1312, e logo o auctor provou o amor do estudo e a consciencia do historiador, no desenho das feições proeminentes do seculo em que posera a acção. Este romance não é só uma obra de imaginação, foi tambem um ensaio historico. Ainda que não é sempre de uma originalidade absoluta, nem sabemos se a ha, está comtudo bem conduzido. É repassada de sentimento e dôr, de generosidade e dedicação, a scena em que os dois irmãos disputam salvar-se um ao outro. N'uma epocha odienta e corrompida, no meio de uma corte insidiosa e turbulenta, a nobreza destes caracteres realça como o sol que assoma d'entre o negrume das nuvens precursoras da tempestade.

O caracter do escudeiro Affonso, o aio velho que os viu nascer e que não os desampara ao morrer e morre com elles, é um typo felizmente sustentado, e um digno retrato daquela raça domestica, educada no lar, que transformava a servidão em parentesco, e cumpria com religioso acatamento deveres muita vez heroicos estremecendo os filhos de seus senhores, como proprios.

A crueza e barbaridade de D. Fernando IV de Leão e Castella, estão esboçadas com vigor e verdade.

O elogio deste romance está feito, dizendo que ainda hoje se lê com interesse e curiosidade, e que por mais de uma vez desperta o sentimento e maravilha o leitor. No prologo das *Lendas e Narrativas*, de Alexandre Herculaniano se verá que o seu auctor mereceu por elle o baptismo de romancista feito por mestre tão competente. Depois deste romance appareceram ainda no mesmo jornal *O que foram portuguezes*, historico tambem, que, alem de ser mais outro ensaio litterario, continuava a funda cultura no espirito do escriptor, obrigando-o a revolver as paginas das nossas chronicas, as nossas riquezas archeologicas, de muitos ignoradas, posto encerrarem as tradições gloriosas e instructivas que são a riqueza de uma nação e d'uma litteratura.

Não é só na leitura das obras francezas que se forma o estylo, e se educa o espirito. D'essa licção exclusiva nasce o grande numero de gallicismos que frequentemente se encontram nos escriptores modernos. A indole da lingua e o cunho portuguez, como o possuia o visconde de Almeida Garrett, só se aprende nos modelos portuguezes. Esses, querendo procural-os não faltam. Sirvam de exemplo na prosa Fr. Luiz de Sousa, o padre Vieira e D. Francisco Manuel de Mello; no verso Camões, Philinto Elyσιο, Bernardim e Garrett. O padre Vieira é ainda hoje um prosador elegante e colorido, d'uma rara opulencia de imagens. Basta. Nada de affectar erudicção, que bem pouca temos. E hoje, metade da que por ahí apparece n'alguns escriptores, é uma taboleta de loja vasia. Muita gente boa conhecemos, que anda á pesca das idéas alheias, e quando as colhe na conversação faz o furto sem escrupulo. Não queremos imitar essa gente.

Viram successivamente a luz os seguintes romances todos historicos, *O Infante Santo*, *Não val a licção mil dobras?* *Por bem querer mal haver*, *Memorias insulanas*; *Ignez de Castro*, *D. Pedro Affonso*, e outros cujos titulos nos não occorrem.

Ao romance historico succedeu-se o romance contemporaneo. A sua estreia foi no *Sonho da Vida*, um conto-sinho, como lhe chama o seu auctor, que se lê com interesse e que ja começa a revelar as suas tendencias para a pintura da sociedade actual. No prologo da obra falla assim Mendes Leal: «O romance-chronica, já começou entre nós brilhantemente a sua carreira: o dialogo familiar, o drama intimo, a pintura da vida contemporanea, faltavam á nossa litteratura infante. As outras, — de lá de fóra — possuem já grossos cabedais deste genero, a portugueza recém-nascida do seculo, tenta-o agora. Tentamolo nós, e de tentalo saccamos a nossa gloria unica.»

Nestas palavras baseou Mendes Leal a sua tentativa. Meditou um momento, e escreveu o *Sonho da Vida*, que se distingue pela verdade nos affectos, pela delicadeza no sentimento, pelo vigor na paixão, com extrema singeleza e propriedade de dialogo. É um conto simples e na mesma simplicidade está o seu effeito.

Continua.

ERNESTO BIESTER.

### ETYMOLOGIA DA PALAVRA MALA-POSTA.

Ha muita gente que ignora a origem das *mala-postas* e o facto que lhes deu a denominação. E comtudo elle tem mais de um seculo.

O termo *mala-posta*, como muitos outros que principiaram por exprimir simplesmente uma acção e acabaram por designar convencionalmente a cousa, explica, por assim dizer, a origem da sua historia, que data do reinado de Luiz xiv.

Este rei, tão notavel pela sua opulencia, pelas famozas edificações de palacios que empreheendeu e concluiu, pelos canaes que abriu ao commercio e á industria, pelas fortalezas que ergueu, quasi que não voltou a sua attenção para o melhoramento publico mais indispensavel á prosperidade dos estados, e base de toda a desenvolvimento, progresso e florescencia da vida social.

Luiz xiv descurou completamente das estradas.

Não que a economia politica e a experiencia dos povos não houvessem já ensinado a necessidade das vias de communicacão; mas por uma aberração de espirito, que não é facil de explicar n'um reinado tão illustrado, a França no seculo xvii, não possuia nenhuma d'essas estradas, nenhuns d'esses meios de viabilidade publica, que se podem chamar verdadeiras arterias da circulação de um paiz.

O viajante tinha que vencer todas as difficuldades e asperezas naturaes de um terreno virgem de toda o tentativa de viação, e servir-se dos caminhos que o acaso ou os accidentes do solo haviam aberto ao movimento da população.

Pôde-se dizer que o uso dos cavallos de posta acabava, para a generalidade das pessoas, a pequena distancia da capital, e o transporte de cartas fazia-se n'uma *mala-posta* sobre o dorso de um cavallo.

É d'este termo, que de começo explicou apenas o facto de collocar as malas sobre os cavallos destinados a esse fim, sem por ventura ninguem suppor que depois seria a denominação de um dos meios mais uteis, mais importantes e universaes de transmittir e pôr em contacto as idéas e os negocios, que vem o nome de *mala-posta* ás carruagens do correio, hoje triviaes em toda a França, na Belgica, em Hespanha, Italia e ultimamente adoptadas entre nós no Alemtejo, pela companhia que tomou este mesmo titulo.

Assim o nome, expressão simples do facto que apenas devia subsistir em quanto durasse esse mesmo facto que o originára, sobreviveu, pelo contrario, á sua humilde origem, por que as malas já não são postas sobre os cavallos, mas vão mettidas dentro de grandes e bem construidas carroagens, e comtudo a sua denominação é sempre a mesma.

Em todo o caso, o termo é peregrino entre nós; e só uma especie de idolatria por tudo que é terminologia franceza, ou uma ignorancia completa dos recursos da nossa lingua, obrigaram por certo a adoptar semelhante phrase para designar uma cousa que entre nós se não justifica pela sua historia, como em França.

ANDRADE FERREIRA.

### A CONVALESCENÇA NO OUTOMNO.

I

De novo a teu rosto pallido,  
Torna a vida, e volve a cór,  
E como ao reflexo vivido,  
Do sol que inunda a campina,  
Se anima a pendida flór,  
De viva luz se illumina  
A tua face divina  
Á chamma do meu amor!

Responde, agora não vês,  
Que em todo o teu ser, querida,  
Se resume a minha vida?  
Se o desvario um momento,  
Fez que a um idolo traidor,  
Votasse o meu pensamento,  
Cuidas tu que foi amor?  
Que foi este sentimento,  
Cego, ardente, intenso e puro  
Que não se extingue jámais,  
Por que vem do mesmo sopro,  
Da mesma divina essencia,  
Com que a mão da Providencia  
Torna as almas immortaes!?

II

No meu, firma o braço tremulo,  
Vem comigo respirar  
Este ar vivo, e salutar.

Não sentes na luz do céu,  
Neste perfume saudoso,  
Do bosque espesso, e formoso  
Que o doce outomno volveu?  
As folhas que pelo chão,  
Crestadas dispersa o vento,  
Não desprendem um lamento,  
Que entristece o coração?  
E a voz dessa ave amorosa,  
Que além na balsa descanta,  
Melancholico modilho,  
Não parece a voz saudosa,  
Da terna mãe que acalanta,  
Entre seus braços o filho?!

Daquelle pobre casal,  
O fumo que vae subindo  
N'uma columna aspiral,  
Não diz que de envolta ao lar,  
Se junta essa pobre gente,  
Que já de perto pressente,  
O frio inverno chegar?!

Não vês que ha tanta tristeza,  
Na voz que se eleva ao céu  
Agora da natureza?  
Oh! mas como ao coração  
É grata a melancholia  
Desta languida estação!  
Toda a esplendida poezia,  
Do céu, da terra, e das flores  
Quando mil canções d'amores  
Improvisa o rouxinol,  
Quando alegre o mez de maio  
Cantando desde o arrebol  
Até que em doce desmaio  
Nas aguas se occulte o sol...  
Terá sim, tem mais encantos,  
Mais esplendor, e mais vida,  
Porém responde querida  
Se n'estas pallidas tardes,  
Em que a fróxa viração  
Suspira por entre as folhas  
Que o outomno arremessa ao chão  
Em que o som pausado e lento  
Da solemne Ave-Maria  
Bate no humilde convento,  
Se tudo emfim não traduz  
Uma suave poesia  
Que nos encanta, e seduz:

.....  
.....  
Paremos aqui — descansa.  
De novo essa face linda,  
Desbotada agora ainda,  
Outra vez se ha de animar...  
.....

III

Oh! que noites de amargura!  
Que horas lentas de agonia!  
Que instantes n'aquelle dia,  
Quando tu sem voz, sem gesto,  
Suspensa n'um fio a vida,  
Em fim te julguei perdida!  
Chegara a noite, uma estrella,  
Uma só não se accendia,  
No céu triste, e carregado,  
Afflicto, desalentado,  
O coração me batia;  
Pouco, a pouco no horisonte  
Foi rompendo a nevoa densa  
Era a vida, a luz, o dia,  
Aquella alegria immensa  
Que no murmuro da fonte,  
Na briza, e na voz divina  
Do amoroso rouxinol;  
Seduz, arrebatada, inspira,

Quando accorda a terra em canticos  
Aos raios vivos do sol!

« Pois tudo se anima agora!  
« Tudo nasce com a aurora,  
« Tudo é vida, e tudo é luz...  
« Só n'esta frente adorada,  
« Inerte, fria, gellada,  
« Nem um só clarão reluz!

Ouvi-o Deus n'esse instante,  
A minha supplica ardente,  
Em teu palido semblante,  
Vi transluzir docemente  
Um reflexo semelhante,  
Ao que o sol derrama á tarde,  
Nas nuvensinhas do poente.

Prostrei-me a rogar então,  
E essa estrella de bonança  
Essa meiga divindade,  
Risonha irmã do infortunio  
Companheira da saudade,  
Que o mundo chama *esperança*,  
Sentia no coração!

Com aquelle sol esplendido,  
Que rompera a nevoa densa,  
Com essa alegria immensa,  
Do mar, do terra, e dos ceus,  
Quiz de novo a providencia,  
Que eu visse nos olhos teus  
O mundo, a luz, a existencia.

Agora pois, neste instante,  
Agora que além distante  
O sino da pobre ermida,  
Dá signal do fim do dia;  
Co'a prece d'Ave-Maria,  
Ergamos ambos querida,  
Graças mil á providencia,  
Que salvando-te a existencia  
Tambem me salvára a vida.

Setembro de 55.

BELHÃO PATO.

LISBOA E OS ESPECTAUCOS PUBLICOS.

Lisboa possui actualmente seis theatros abertos; e nesses seis theatros sete companhias funcionando; e dessas sete companhias quatro nacionaes e tres estrangeiras; e dessas companhias estrangeiras uma canta em italiano, outra declama em francez, e a ultima... grita em hespanhol.

A variedade assim disposta chega a produzir a anarchia.

Ha pouco os jornaes francezes compraziam-se de contar em o numero das suas distrações publicas uma companhia de declamação italiana, e outra ingleza.

A nossa fortuna é maior.

Possuimos uma companhia italiana, não dramatica, mas lyrica; e se não temos a ventura de escutar esses rasgos admiraveis de paixão da tragica italiana, da vehemente e pathetica Ristori, da rival da Rachel, tambem estamos livres de ouvir os sons assoprados e gutturaes da pronuncia ingleza, especie de temporal prosodico, atravez do qual se perdem e naufragam as mais bellas inflexões do sentimento e do affecto.

E julgamo-nos largamente indemnizados porque—seja dito sem quebrantamento do orgulho britannico—parece-nos que difficilmente se procurará lingua mais avessa, mais recalcitrante e rebelde á affectuosa expressão dos affectos dramaticos, do que a ingleza. Carlos V, na sua espirituosa qualificação dos idiomas europeus, dizia que o allemão era proprio para fallar aos cavallos, e o inglez para interter colloquios com os passaros. Não entraremos nesta classificação de linguistica ornithologica. Não sabemos mesmo até que ponto uma arara ou uma abestruz sympathisarão com as *bellezas* da prosodia ingleza: mas o que afirmamos é, que não póde deixar de se taxar de loucura o julgarem-se os actores inglezes no caso desses povos privilegiados que a natureza dotou d'uma palavra euphonica, insinuante, transparente para todos os affectos, expressiva aos mais ligeiros movimentos da alma, que pela doçura e elegancia da sua accentuação, como a italiana, pelo chiste e vivacidade da sua pronuncia, como a hespanhola, pela amenidade propria e universalidade de comprehensão, como a franceza, se póde dispor a correr mundo, certa de que sempre encontrará quem a comprehenda, quem a ouça e applauda.

A palavra, na boca hespanhola, na italiana, na franceza ou na portugueza, é sempre a expressão energica e pittoresca de uma idéa, o colorido expressivo de um affecto: mas na boca ingleza é o epigramma traçoceiro dos mais intimos e nobres movimentos da alma. E é por aqui que se explica a carencia de actores da Inglaterra. O povo inglez tem coração para a scena, mas não tem idioma. Kean e Sulyvan são a excepção rara. São o esforço do genio rompendo por todas as contrariedades physicas. São o talento da interpretação dramatica triumphando em despeito da deficiencia e opposição dos meios da expressão,

e não servindo-se da palavra como do mais eloquente interprete do sentimento e da paixão. E nisto estas duas glorias da scena ingleza tornam-se superiores a Baron e Talma; porque os actores francezes tinham na phrase toda a vehemencia, toda a energia e calor do affecto, em quanto que Kean e Sulyvan tinham de resumir todo o estudo, toda a eloquencia das transições apaixonadas no gesto e na expressão, como que subordinando as rebeldias da lingua á manifestação soberana do sentimento.

Mas actores como estes não costumam deixar herdeiros na historia da arte, e nós podemos considerar-nos por felizes em escaparmos á companhia ingleza que visitou Paris. Deixou-nos em paz *En ora buena*. Lisboa, victima habitual de quantas excentricidades burlescas, caricaturas artisticas e diversões risiveis, costumam percorrer em peregrinação tributaria as grandes populações europeas, desta vez foi isenta da lei fatal.

Mas em todo o caso ahi temos uma verdadeira multiplicidade e variedade de espectaculos, onde nos fallam n'uns poucos de idiomas. Porque, seja dito de passagem, mesmo nos theatros portuguezes não se cultiva em todos a mesma lingua. Ha graves distincções. Anuncia-se sim um drama ou uma comedia vertidos em *portuguez*, em *cartazes portuguezes*, representados por actores *portuguezes*, tudo nas melhores intenções... *portuguezas*: mas o respeito á boa direcção nacional fica só visto—em letra morta.

O que é inquestionavel é que um frequentador de theatros hoje em Lisboa precisa de ser um polyglotta se quiser apreciar os segredos e bellezas dos repertorios que figuram em todas as diversas scenas. É mais que uma diversão para o pensamento o que actualmente apresentam os espectaculos da capital: é um curso de linguistica pratica. Verdade é que ha amator que vê ha dez ou doze annos a *Somnanbula* e a *Norma* sem saber que estas bellas inspirações de um verdadeiro lyrismo do coração pertencem a Felice Romani, a um dos mais fadados poetas da moderna Italia. E que admira? Não vemos nós o mesmo no theatro francez? Quanto espirituoso calembourg de Bayard ou Beville passa, quantas phrases eloquentes de Dumas profere mr. Luguet ou mademoiselle Roqueville sem que o *habitué pur sang* dê por elles?! Vel-o-heis applaudir com phrenesi; vel-o-heis rir com expansão mas não lhe pergunteis o porquê, que não vos responderá. Rirse e applaude por não discordar do sentimento unanime da plateia.

Com a companhia hespanhola succedeu o mesmo. Ha espiritos tão naturalmente dispostos a admittir o caracter jovial da lingua castelhana, que respondem sempre com as mais cordeas explosões de hilaridade a todo o trocadilho, quer o comprehendam quer não. Pois se ouvem um *caramba* ou um *baia*, puxados lá do intimo com aquelle chistoso desgarre que só labios hespanhoes sabem, então o entusiasmo sobe a delirio, e risadas estrepitosas coroam estas *energicas* intergeições do povo visinho.

E digam no fim de tudo isto que Lisboa não offerece distrações, que não possui divertimentos publicos, que não ha diversão nem variedade para os espiritos que desejam alguns momentos de desafogo e expansão!

Ha passatempos; sempre os houve: e muitos mais haveria se o nosso genio fosse mais folgassão e expansivo; por que a alegria, o movimento, o ansioso, e attractivo bolicio que exprime a vida externa das grandes populações, está nas disposições dos espiritos, na tendencia dos caracteres, na propria indole e temperamento de seus habitantes.

Lisboa é uma cidade que sorri de alegria ao coração de seus naturaes. Mas que querem se aqui o *mundo elegante*, essa classe que dá o almiré a todas as variações da moda, que se impõe como typo em todos os sitios publicos, a unica que mais facilmente poderia animar os espectaculos, é pautado, semsaborão e automatico como um quaker? Vai a S. Carlos por que é do tom; váe ás recitas francezas para affectar de parisiense; váe dar tres ou quatro giros no Passeio-publico por que precisa de mostrarse. Mas toda a sua existencia, todo o seu ideal, todas as suas ambições ficam n'isto: reduzidos a estas formulas inalteraveis e mathematicamente determinadas.

ANDRADE FERREIRA.

O REI DA SARDENHA.

S. M. o rei de Sardenha, Victor Manuel II conta agora 36 annos completos tendo nascido a 14 de março de 1820. É o filho primogenito do rei Carlos Alberto, que nasceu em 2 de outubro de 1798 e falleceu na cidade do Porto em 28 de julho de 1849 deixando entre nós gratas recordações. O actual reinante casou a 12 d'abril de 1842 com a archiduquesa Maria Adelaide, filha do archiduque Renato d'Austria, da qual enviuvou em 20 de janeiro de 1855. Depois da infeliz e decisiva batalha de Novára, perdida não obstante os prodigios de valor, Victor Manuel succedeu a seu pae em virtude de uma abdicção verbal feita no proprio campo de Novara em 23 de março de 1849, e confirmada por acto escripto em Tolosa de Hespanha aos 3 d'abril de 1849. O rei tem quatro filhos sendo mais velha a princeza Clotilde com treze annos, e o segundo o principe real que terá perto de doze.

Na campanha contra os austriacos distinguiram-se ambos os filhos de Carlos Alberto em varias acções por

seu valor e galhardia, o actual rei começou commandando um corpo de reserva de vinte mil homens, e seu irmão segundo, o duque de Genova commandava a artilleria; este principe que tambem gozava de muita estima dos seus e dos estranhos morreu em 20 de fevereiro do anno passado.

Victor Manuel possui grandes dotes de espirito e do coração, é um principe patriota, liberal e illustrado, como attestam os actos do seu governo.

CHRONICA SEMANAL.

As nossas boas letras estão ameaçadas d'um golpe funesto, originado na insistencia inconcebivel de sustentar um homem, cujos precedentes, cuja idade avançada, quando mais não fosse, destinavam á reforma. Diz-se que o auctor da Historia de Portugal e da Historia da Inquisição vai cessar os seus preciosos trabalhos, interrompendo simultaneamente a publicação dos monumentos da historia patria que na real Academia das Sciencias com tanta gloria do paiz e daquella corporação, preparava. A causa desta resolução que é uma perda immensa para a sciencia e um grande desar para a nação, parece prender nos principios do grave pundonor e inalteravel rigidez de caracter que todos conhecem e respeitam no Sr. Alexandre Herculano.

Não tomaremos por ora o fio da tenebrosa urdidura que deu logar a semelhante deliberação que póde ainda ser seguido de outras não menos graves. Mas reservamos o direito de analysar opportunamente um successo que tão vivamente interessa e affecta a republica das letras.

O Sr. A. Herculano, não é homem que deixe nunca de explicar as razões do seu procedimento, e então veremos o que ficam valendo as advertencias paternaes e as insinuações ao ouvido que por ahi andam fazendo certos individuos que não podem levantar os olhos diante de ninguem e que ficam sem voz sempre que apparecem diante do grande historiador.

Nunca theatro nenhum começou debaixo de melhores auspicios do que a actual companhia franceza. Tornou-se logo moda, e a isso deveu certa concorrência que a principio soube captivar, pela variedade que buscava dar aos espectaculos, e pela feliz escolha do repertorio. Augier, Dumas F., Sandeau, Legouvé, Scribe, todos os auctores mais festejados de França, foram revelados ao publico nas suas melhores produções. Mas de repente desapareceram da scena, e passámos a ouvir declamar peças mediocres, e na maioria já representadas, sem que o seu valor justifique a repetição.

Nesta semana cifrou-se toda a novidade no *Tigre de Bengale*, vaudeville conhecido e já interpretado por outra companhia no theatro de D. Fernando. Informamos que estão em ensaios, *L'Image*, *La Femme aux aulfs d'or*, e *On demande un gouverneur*, todas em identicas circunstancias. Se estão resolvidos a resuscitar repertorio conhecido, sejam ao menos conscienciosos, e esmerados na escolha: repitão por exemplo *Le Croque Poule*, comedia que Mlle. Roqueville e Mr. Minne, os dois artistas mais sympathicos á platéa, haviam de desempenhar lisongeiramente e com bastante applauso.

Todos veem e conhecem estas cousas, menos a administração. Pelo contrario parece estar o mais satisfeita possível, tanto que entregou novamente a Mr. Luguet, plenos poderes para formar a nova companhia, e este trata para simplificar embarços e evitar fadigas de renovar as escripturas dos actuaes artistas. Não podemos deixar de protestar contra semelhante idéa. A excepção de Mlle. Roqueville e Mr. Minne, intendemos que nenhum mais devia ficar, comprehendendo neste numero o director, que nem como actor, nem como ensaiador se recommenda para ser conservado em tres epochas successivas. A mesma duração da actual companhia no prolongamento d'esta estação é um favor concedido a Mr. Luguet para que á sombra deste simulachro da companhia possa perceber os largos proventos resultantes da sua nominal direcção. Nem fica nisto a má gerencia da administração na sua decidida parcialidade pela companhia franceza: não se contenta em nos reservar para nucleo da organização futura os mais insignificantes actores desta epocha, mas leva a sua prodiga benevolencia a gratificar com tresentos francos durante o tempo do encerro do theatro a cada uma dessas inutilidades que teremos de supportar no inverno proximo.

Custa a crer que quando os meios escaceiam visivelmente, e que, mesmo apesar da moda e da novidade, a companhia franceza não poude este anno remir as despesas preliminares que se fizeram com a sua vinda, se vá desde já dispendir uma somma superior á que se gastaria no transporte de novos actores.

Só a excellencia da escolha poderia entreter a preferencia que o publico tem manifestado este anno; só a novidade podia excitar a curiosidade na proxima estação; porem com o plano que segue a administração destroe estas duas circunstancias favoraveis, para se conservar com actores mediocres, senão nullos, e vistos de sobejo em mais de sete mezes de exercicio. O tempo e a experiencia nos darão razão.

Uma companhia hespanhola muito secundaria veio arribada de Setubal a esta cidade, e foi installar-se no theatro do Salitre. Fomos vê-la, e n'uma só noite ouvi-

